

Dificuldades da autocrítica

Rogério L. Furquim Werneck*

As análises das entrevistas de Bolsonaro e Lula no Jornal Nacional (JN), na semana passada, foram marcadas por pouco apego ao que foi dito pelos entrevistados e muito destaque ao que, de fato, não foi dito.

É bem verdade que, no caso da entrevista de Bolsonaro, em 22/8, isso até fazia sentido. O que mereceu ser destacado foi o que não foi dito. O ponto alto foi o presidente não ter perdido as estribeiras. O resto foi o Bolsonaro de sempre, inarredável em seu discurso arrevesado sobre pandemia, meio ambiente e educação. E na absurda reiteração de que só acatará o resultado da disputa presidencial “se as eleições forem limpas”.

Já nas análises da entrevista de Lula, em 25/8, o destaque ao que não foi dito serviu para dar falsa impressão do que, de fato, foi dito. Não faltou quem se apressasse a ver a entrevista como um divisor de águas, que teria demarcado o tão aguardado momento em que Lula, afinal, se disporia a fazer autocríticas quanto ao alastramento da corrupção nos governos petistas e ao descarrilamento da economia por Dilma Rousseff.

Lula, de início, rendeu-se ao óbvio: “Você não pode dizer que não houve corrupção, se as pessoas confessaram.” Mas o que se ouviu, em sua narrativa, foi uma sequência interminável de orações sem sujeito, em que a corrupção, disseminada como foi nos governos petistas, parecia ter sido um fenômeno de geração espontânea.

Não se ouviu qualquer reconhecimento, por sutil que fosse, do caráter sistêmico dos arranjos corruptos de grande porte, concebidos nos mais altos escalões de Brasília como esquemas de preservação e ampliação de poder, que atravessaram três mandatos e meio de governos petistas.

Quanto ao desempenho de Dilma no Planalto, Lula concedeu que houve equívocos. Mas, ao mesmo tempo, permitiu-se afirmar que sua sucessora “fez um primeiro mandato extraordinário”. O que bem mostra quão longe o ex-presidente finge estar de uma avaliação objetiva do que, de fato, ocorreu.

Nunca é demais lembrar do primeiro programa de propaganda eleitoral do PT, na campanha presidencial 2014, em que Lula reconhecia tacitamente que Dilma tinha pouco ou nada a mostrar. E tentava convencer o eleitor a lhe dar outra chance: “... eu quero falar especialmente para você, que está em dúvida se deve votar ou não na Dilma. Eu lhe peço, vote sem nenhum receio. Fique certo de que você não vai se arrepender.”

E insistia: “o meu segundo mandato foi melhor do que o primeiro. Com Dilma, tenho certeza de que vai ser assim também”.

Tendo prestado homenagem tão falsa a Dilma, na entrevista da semana passada, Lula, logo tentou se eximir de qualquer responsabilidade pelos desmandos da ex-presidente, escudando-se no ditado “rei posto, rei morto”.

O que lhe faltou esclarecer foi por quem mesmo o rei foi posto. No caso, a rainha. É mais do que sabido que foi de Lula, e só dele, a calamitosa ideia de alçar Dilma Rousseff à Presidência da República. Um delírio que, em face de tenaz resistência do PT, teve de ser empurrado goela abaixo do partido.

Por que Dilma foi ungida sucessora de Lula, em 2010? Em parte, por que Lula nutria a fantasia de que, não tendo ela luz política própria, se contentaria com um único mandato e lhe cederia a vez em 2014. Mas em grande parte, também, porque Lula compartilhava com Dilma a mesma visão triunfalista sobre as possibilidades da reorientação de política econômica que vinha sendo feita no seu segundo mandato, sob a bandeira da nova matriz econômica. Não foi por outra razão que a equipe econômica de Lula foi quase integralmente preservada no governo Dilma.

Não há como ter ilusões. Lula jamais fará as autocríticas que deve ao País, seja sobre corrupção, seja sobre o descalabro do governo Dilma.

Cada um à sua maneira, Lula e Bolsonaro parecem entregues ao negacionismo, incapazes de lidar com fatos notórios que desabonam suas trajetórias políticas. O desconforto dos dois no debate do último domingo, poucos dias após as entrevistas do JN, é a melhor evidência de quão vulneráveis estão, numa campanha que mal começou.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.